

## REALISMO LÓGICO E A METAFÍSICA DA LÓGICA<sup>1</sup>

Michaela Markham McSweeney<sup>2</sup>

Tradução: Evelyn Erickson<sup>3</sup>

### RESUMO

‘Realismo lógico’ significa muitas coisas diferentes. Meu argumento é que se a realidade tem uma estrutura privilegiada, então uma posição chamada realismo lógico-metafísico<sup>4</sup> é verdadeira. Essa posição diz que, primeiro, existe ‘Uma Lógica Verdadeira’<sup>5</sup>; segundo, que essa lógica é verdadeira em virtude de um mundo independente da mente-e-linguagem; e terceiro, que o mundo independente da mente-e-linguagem faz com que seja o caso que a Uma Lógica Verdadeira é melhor do que qualquer outra lógica em capturar a estrutura da realidade. No caminho, eu discuto algumas alternativas, e clarifico dois tipos distintos de realismo lógico-metafísico.

### Introdução

Muitos filósofos pensam que existe ‘Uma Lógica Verdadeira’ (‘ULV’ a partir de agora): existe uma única lógica (ou, talvez, uma pequena pluralidade de lógicas) que é objetivamente correta.<sup>6</sup> Mas, para além da afirmação de que certos princípios lógicos gerais (e.g., muitos consideram a Lei da Não-Contradição) são verdadeiros, não é claro o que isso realmente *significa*, e em particular, o que *torna* a ULV verdadeira.

O primeiro objetivo desse artigo é explicitar uma posição sobre o que torna a ULV verdadeira: *realismo lógico-metafísico*, ‘RLM’ a partir de agora. Essa posição considera que ou a ULV corresponde diretamente à estrutura da realidade do mundo independente da mente-e-linguagem, ou que a ULV está localizada no mundo independente da mente-e-linguagem. O segundo objetivo é argumentar que se a realidade tem uma estrutura privilegiada, então o RLM é verdade.

<sup>1</sup> Publicado originalmente como: McSweeney, Michaela Markham. Logical Realism and the Metaphysics of Logic. *Philosophy Compass*, v. 14, n. 1, 2019, <https://doi.org/10.1111/phc3.12563>.

<sup>2</sup> Doutora pela Universidade de Princeton/EUA, atualmente é professora assistente na Universidade de Boston/EUA.

<sup>3</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRN.

<sup>4</sup> N.T. No original, *metaphysical logical realism*.

<sup>5</sup> NT No original, *One True Logic*.

<sup>6</sup> E.g. Read (2006), Priest (2006), Williamson (2013, 2017); minha impressão é que muitos metafísicos endossam explicitamente algo nesses arredores.

Por que deveríamos nos preocupar em saber se o RLM é verdadeiro? Uma razão é que isso pode gerar conflito entre várias afirmações que são feitas com frequência sobre a lógica; e.g. que a lógica é tópicamente neutra (ou, semelhantemente, que ela é perfeitamente geral); que a lógica é ontologicamente neutra (ela não nos compromete com nenhuma ontologia em particular); que investigações sobre a lógica são especiais e distintas de outros tipos de investigações teóricas; que a lógica não é *revisável*; e que a lógica é totalmente *a priori*, enquanto que outras áreas de investigação não são. Todas essas suposições podem ser motivadas por pensar que a lógica não tem nada a ver com o mundo. Como veremos, se o RLM situa a lógica, ou pelo menos a *estrutura* que a lógica reflete, no mundo, e portanto, se o RLM é verdadeiro, não há razões imediatas para se pensar que investigações sobre a lógica são distintos de outras investigações sobre a realidade. Além disso, para o realista lógico-metafísico, a lógica certamente não é ontologicamente neutra (nossos compromissos lógicos ou *são* compromissos metafísicos, ou são moldados pelos nossos compromissos ontológicos). Neo-Quineanos e outros filósofos da lógica “anti-excepcionalistas” (eg. Hjortland (2017), Maddy (2002, 2007, 2014), (Priest (2006, 2014), Russell (2014), Williamson (2013, 2017)) rejeitam algumas ou todas dessas suposições, mas não, usualmente, pelas mesmas razões que o realista lógico-metafísico.

Mais importante, minha impressão é que muitos metafísicos aceitaram um subconjunto dessas suposições como certo. Por isso meu segundo objetivo: se as posições de muitos metafísicos *implicam* no RLM, então eles devem parar de tratar lógica como um pano de fundo neutro para seus argumentos; eles devem parar de apelar para princípios lógicos indiscriminadamente quando argumentando para conclusões metafísicas; e eles devem se tornar mais interessados nos compromissos lógicos de suas posições.

Esse artigo é modesto: eu busco desmascarar os compromissos implícitos que os metafísicos tem em relação ao RLM. Há outras literaturas que lidam com a aceitação ou rejeição implícita do RLM, como por exemplo, a discussão do pluralismo vs. monismo na filosofia da lógica. Para um apanhado sobre pluralismo, ver Cook (2010).

## 2. REALISMO LÓGICO-METAFÍSICO E A “UMA LÓGICA VERDADEIRA”

A expressão ‘Realismo lógico’ é usada às vezes para se referir à afirmação de que *existe* ULV. Mas o que significa essa afirmação? Em primeira instância, significa que existe uma coleção única de princípios lógicos, cada um sendo verdadeiro, e que juntos constituem a única lógica correta, e que nenhuma outra coleção de princípios pode fazer essa função. No entanto, para clarificar a questão, precisamos clarificar qual é a função da lógica. Usamos todo o tipo de lógica para arenas específicas (e.g. usamos lógica fuzzy para programar painéis automáticos de arroz), mas não pensamos que lógica fuzzy é a ULV, mesmo que seja correto pensar que ela *é verdadeira para programar painéis automáticos de arroz*. Então realmente precisamos que a “ULV” seja a lógica que captura corretamente seja lá o que for que pensamos ser *o papel da lógica*. Para fazer sentido pensar que há ULV, precisamos pensar que a lógica tem um único propósito ou objetivo.

Um modo de pensar essa questão sobre o que realmente significa dizer que há ULV é essa: o que torna a ULV a lógica verdadeira e “especial”? Claramente não estamos querendo chegar na natureza e função das painéis automáticos de arroz com a nossa lógica, e é por isso que a lógica fuzzy não é a ULV. Mas o que estamos tentando fazer? Diferentes respostas geram compromissos teóricos muito diferentes sobre o que significa estar comprometido com a existência da ULV.<sup>7</sup> O realista lógico-metafísico pensa: a lógica serve para capturar a estrutura do mundo independente da mente-e-linguagem.

Alguns têm distinguido algo como RLM de outras formas de realismo lógico por apelar à questão de se a lógica está “no mundo” ou se é representacional (e.g. Rush (2014), Tahko (2014)). Eu não coloco as coisas dessa forma para poder acomodar a visão de que (i) é um erro categórico pensar que a lógica está no mundo independente da mente-e-linguagem (se alguém acha que a lógica tem a ver com entidades linguísticas e as relações entre elas, e que as entidades linguísticas não estão *dentro* do mundo independente da mente-e-linguagem), mas (ii) o motivo pelo qual é correto

---

<sup>7</sup> Eu uso o maquinário de portadores-de-verdade para falar sobre esse assunto ao longo desse artigo; seria bastante fácil reconstruir a discussão, e meu argumento, sem isso.

usar uma certa lógica para descrever o mundo é que a lógica se conforma com a estrutura do mundo.

Tanto Resnik (1999) quanto Lapointe (2014) discutem os méritos de um princípio de independência: que as verdades lógicas são verdadeiras independentemente da nossa mente/linguagem. Rush (2014) explora a concepção de um realismo lógico em que lógica é sobre *estruturas existentes independentes*. Essa visão, em parte, ajuda a motivar a ideia de que o realismo lógico funciona para nós da mesma forma que o realismo matemático. Essa ideia de independência se assemelha ao modo como irei definir o RLM; mas na seção dois irei juntar um tipo de RLM à aparência da descrição da realidade, o que torna mais complicado adotar a tese de que o realismo exige independência de linguagem.

Tomarei o RLM como sendo a conjunção das seguintes afirmações:

- a) Existe ULV.
- b) O que torna a ULV verdadeira é o mundo independente da mente-e-linguagem.
- c) A ULV é *metafisicamente privilegiada*: ela é melhor do que qualquer outra lógica em capturar a natureza da realidade.

Sem (c) minha definição é fraca e desinteressante. Primeiro, parece permitir posições em que a ULV é relativa a algo (panelas automáticas de arroz sem dúvida são parte do mundo independente da mente-e-linguagem, mas isso não torna a lógica fuzzy a ULV.) Não acho que tais posições devam contar como posições realistas. Por exemplo, a verdade de uma lógica pode ser relativa à linguagem, a um quadro de referência, ou a uma estrutura matemática (Shapiro, 2014), ou a uma noção de validade (e.g. Beall and Restall (2006)). O problema é que a relação de “fazer ou tornar verdadeiro”<sup>8</sup> invocada em (b) não é refinada o suficiente. (c) garante que a ULV não é relativa à linguagem em que por acaso estamos falando, ou à estrutura matemática em particular em que estamos focando no momento, ou à noção de validade em particular que estamos usando.

Sem (c), o RLM é consistente com o que muitos consideram *anti-realismo metafísico*: o mundo é algo como um pedaço de massinha e podemos corretamente esculpi-lo de qualquer forma que quisermos. O realista lógico-metafísico acha que ou a lógica está no mundo independente da mente-e-

<sup>8</sup> NT No original, *truthmaking*.

linguagem, ou que corretamente captura a estrutura desse mundo. Suponha que o último seja verdadeiro. Sem (c) não há nada que garanta que a ULV é a lógica que *faz o melhor trabalho* em capturar essa estrutura. A forma mais simples de ver isso é pensar sobre *variância de quantificadores*. O variantista de quantificadores (e.g. Hirsch (2009), (2010)) pensa que há uma multiplicidade de igualmente bons quantificadores de existência, nenhum sendo a mera restrição de outro. Por exemplo, ele pode pensar que o nihilista composicional, que pensa que não existem objetos composicionais, simplesmente quer dizer algo diferente por “existe” do que o universalista, que pensa que qualquer objeto forma um novo objeto. De acordo com o variantista de quantificadores, nenhum desses modos de falar sobre o mundo é melhor ou pior; e ambos os modos se tornam verdadeiros pelo próprio mundo. Note que se pensarmos em lógica dessa forma, (a) e (b) juntos não são suficientes para estabelecer o RLM. Pois assim poderíamos dizer que “o mundo torna verdadeiro *qualquer* lógica”, e então unir todas essas lógicas em uma disjunção e criar uma “única” lógica que satisfaz (a). Mas uma lógica pluralista massivamente disjuntiva (cada disjunto correspondendo a uma maneira diferente de esculpir a realidade) não é o que o realista lógico-metafísico está buscando.

Para ajudar a clarificar o RLM, considere algumas outras posições sobre a lógica. Podemos aceitar que os portadores-de-verdade - para os verdadeiros princípios lógicos se encontram em algum lugar entre *nossa psicologia, nossos conceitos, nossa mente ou nossa linguagem*. Nessa posição — chame-a de *psicologismo amplo* — a ULV é verdadeira em virtude de corretamente descrever algo sobre nós ou sobre o modo em que nós representamos as coisas: o modo como realmente raciocinamos, o modo como nossos conceitos realmente são divididos, ou o modo como nossa linguagem realmente é estruturada. O que distingue a ULV de lógicas falsas é que lógicas falsas não descrevem corretamente nenhuma dessas coisas. O psicologismo amplo é um tipo de realismo; seus proponentes pensam que existe uma única lógica (ou uma pequena pluralidade) que corretamente captura algo objetivo sobre a realidade; e que os princípios lógicos dessa uma lógica são realmente verdade, enquanto que os princípios de outras lógicas são (talvez) falsos. Mas o psicologismo amplo não é o RLM, porque localiza em nós os fazedores de

verdade para os verdadeiros princípios lógicos, e não faz qualquer tentativa de nos conectar com a realidade independente da mente-e-linguagem.

Existe uma versão do psicologismo amplo — chame-a de ‘racionalismo lógico’ — que pode ser considerada um RLM, mas envolve algumas suposições controversas. O racionalismo lógico diz que é de fato a estrutura da nossa mente, conceitos ou linguagem que torna a ULV verdadeira; mas que, em troca, nossa mente, conceitos e linguagem realmente correspondem à realidade independente da mente-e-linguagem; e então, por fim, a realidade independente da mente-e-linguagem torna verdadeira a ULV, enquanto que ao mesmo tempo é mediada por fatos sobre nós. Se o racionalismo lógico conta como um RLM, essa visão envolve compromissos com uma certa epistemologia e estrutura explanatória que fica fora do escopo desse artigo, então não será mais discutido aqui.<sup>9</sup>

Outra visão sobre a ULV é que os fazedores de verdade são as normas corretas de raciocínio. Essa visão poderia contar como um RLM, dependendo de como é efetuado. Neo-Kantianos (como Leech (2015)) podem acreditar que a ULV captura as normas corretas de raciocínio, e que são perfeitamente objetivas, mas pensam que essas normas não vêm diretamente da realidade independente da mente-e-linguagem. Essa visão não conta como RLM, porque essas normas são estão conectadas com a realidade independente da mente-e-linguagem de uma maneira direta. Mas alguém que pensa que a lógica é sobre as normas de racionalidade, e que essas normas de racionalidade vêm imediatamente da realidade independente da mente-e-linguagem pode ser considerado um realista lógico-metafísico.

### 3. RLM E A ESTRUTURA METAFÍSICA

O resto desse artigo foca nas visões em que a ULV é verdadeira em virtude de corretamente capturar a estrutura da realidade. Em outro lugar, distigui entre duas formas de RLM: *realismo lógico-ontológico* e *realismo lógico-ideológico* (McSweeney, 2017).

---

<sup>9</sup> Não tenho certeza se alguém mantém, exatamente, essa posição. As posições mais semelhantes que conheço são as interpretações que Eynine (ms) faz de Frege, Jenkins (2014) e Maddy (2002, 2014), embora eu entenda a visão de Maddy como ainda mais realistas do que isso. Também foi sugerido a mim que essa era a visão de Kant.

Realistas lógico-ontológicos (metafísicos) – a partir de então chamados de ‘realistas ontológicos’ – pensam que a ULV é verdadeira em virtude de refletir diretamente algo sobre itens de nossa ontologia. Há muitas maneiras em que o realismo ontológico pode ser verdade. Por exemplo, alguém pode pensar que ‘&’ se refere a algum tipo de função conjuntiva que é uma parte importante da realidade. Uma visão em que isso pode ser verdadeiro diz que a realidade é composta de fatos. Um fato, para esse propósito, é um estado-de-coisas<sup>10</sup> (um objeto que instancia uma propriedade, por exemplo), ao invés de simplesmente uma declaração verdadeira ou uma proposição. Então fatos, na visão relevante, são aquilo que *faz* as declarações serem verdadeiras, ao invés de serem, eles próprios, os portadores de verdade.<sup>11</sup> Se essa visão inclui a afirmação de que dentre esses fatos há fatos *conjuntivos* que tem constituintes que são algo como funções que “seguram” dois constituintes de um fato juntos, então essas funções podem ser os correlatos “mundanos” de nossas constantes lógicas. Outra visão diz que algum tipo de entidade abstrata (funções, coisas semelhantes a leis, valores de verdade, proposições, etc.) vive em um “terceiro reino” e faz as verdades lógicas verdadeiras (eg. em algumas leituras (e.g. Burge (1992)), a visão de Frege (1918) inclui-se aqui, assim como talvez a de Husserl (1990)).

Realistas lógico-ideológicos (metafísicos) — a partir de agora ‘realistas ideológicos’ — pensam que a ULV é a ULV em virtude de ser parte da linguagem (ideologia) que melhor captura a estrutura da realidade. O exemplo mais óbvio de um realista ideológico é Sider (2011), que argumenta que noções lógicas são a linguagem mais fundamental — a linguagem que perfeitamente captura a estrutura da realidade — mas que não há pedaços da ontologia fundamental ao qual termos lógicos se referem.

Maddy, que argumenta que “verdades lógicas são verdadeiras porque o mundo é feito de objetos que desfrutam de várias inter-relações com dependência entre eles” (2002, 501), também é considerada uma realista ideológica. De acordo com Maddy (2014), o mundo consiste de objetos que são relacionados um com o outro ou dependentes um do outro de determinadas maneiras; a estrutura dessas relações e dependências é a própria

---

<sup>10</sup> NT No original, *states of affairs*.

<sup>11</sup> Esse tipo de ontologia foi defendida por Armstrong (1997). Para mais discussão sobre ontologia baseada em fatos, veja Mulligan e Correia (2017).

estrutura da lógica (básica); e a lógica clássica é algo como uma abstração ou idealização dessa estrutura lógica básica. Então, assim como no caso de qualquer abstração ou idealização, princípios da lógica clássica não espelham perfeitamente essa estrutura lógica básica. Mas isso não significa que essa não é nossa melhor teoria, assim como teorias físicas que envolvem abstrações ou idealizações podem ser nossas melhores teorias físicas apesar do fato de que não espelham perfeitamente a realidade física. Maddy argumenta (mais hipoteticamente) que, das opções que temos disponíveis, a lógica clássica é, de fato, nossa melhor teoria lógica.

Nem todos os modos de ser um realista lógico-metafísico se dividem ordenadamente entre realismo ontológico ou ideológico. Por exemplo, Tahko (2009) argumenta que a Lei da Não-Contradição pode ser uma lei ou princípio metafísico, ao invés de meramente lógico. (Tahko (2014) também desenvolve uma versão distintamente metafísica sobre verdade lógica.) Se essa visão conta como realismo ontológico ou ideológico depende do *status* dessas leis metafísicas: se as leis são aproximadamente Humianas — quer dizer, se elas são meros descritores da estrutura da realidade e não são itens adicionais da nossa ontologia, então elas podem ser uma versão de realismo ideológico. Se as leis são anti-Humianas — quer dizer, se elas são itens primitivos de nossa ontologia, ou se são “vigorosas”<sup>12</sup> e *constringem* ou *determinam* a realidade — então podem ser uma versão do realismo ontológico. Mas no que segue, focarei em versões mais diretas do realismo ideológico.

Pode não haver muitas afirmações de, ou argumentos a favor do, RLM. Mas essa posição parece estar à espreita sob a superfície de muitas visões metafísicas. No resto desta seção, irei argumentar que qualquer um que pensa que a realidade tem uma estrutura metafísica privilegiada deve ser um realista ideológico.

Metafísicos com frequência focam na questão de como é a realidade fundamental. Aqueles que dão uma resposta positiva a essa questão tipicamente atribuem uma *estrutura* à realidade. O que é pensar que a realidade tem uma estrutura privilegiada? Ao invés de definir essa noção, direi apenas que todos os tipos de visão abaixo são comprometidas com a realidade tendo uma estrutura privilegiada:

- Fundamentalmente, o mundo constitui-se apenas de objetos.

<sup>12</sup> NT, No original, *oomphy*. Isto é, as leis forçam o mundo a ser de uma certa forma.



- Fundamentalmente, o mundo constitui-se apenas de propriedades (e.g. Paul (2002), Cover e O'Leary-Hawthorne (1998)).
- Fundamentalmente, o mundo constitui-se de um único fato puramente geral (e.g. Dasgupta (2009)).
- Fundamentalmente, o mundo constitui-se apenas de estados-de-coisas (e.g. Armstrong (1997)).
- Fundamentalmente, o mundo constitui-se de um único objeto estruturado (e.g. Schaffer (2010)).
- Não tenho certeza de como o mundo é fundamentalmente constituído, mas ele tem uma estrutura e a ciência irá nos ajudar a descobrir qual é essa estrutura.

Os únicos tipos de visões que *não* contam como visões em que a realidade tem uma estrutura privilegiada são aquelas que dizem o seguinte:

- O mundo constitui-se de um único objeto desestruturado (ou completamente indeterminado em relação a sua estrutura).
- Na medida em que existe uma questão “externa” sobre como é realidade *realmente* é, ela só pode ser respondida pragmaticamente; tudo que podemos fazer é dar uma descrição verdadeira em qualquer que seja a linguagem em que de fato estamos falando (e.g. Carnap, 1950, Thomasson, 2015).
- Todas essas descrições da realidade são equivalentes, e não há nada mais a ser dito (e.g. sobre algumas questões, Rayo (2013) e Hirsch (2009), (2010)).

Note que embora eu use a palavra “fundamentalmente” para prefixar as visões acima de acordo com as quais a realidade tem uma estrutura privilegiada, não é necessário pensar de forma alguma que faz sentido falar de fundamentalidade para endossar tais afirmações. É suficiente simplesmente pensar que existe um fato objetivo sobre a questão de *como é a estrutura da realidade*.

Na seção final deste artigo, argumentarei que todas as visões do primeiro tipo estão comprometidas com o RLM.

#### 4. SE A REALIDADE TEM UMA ESTRUTURA PRIVILEGIADA, ENTÃO O RLM É VERDADE

Primeiro quero introduzir algumas distinções úteis, adaptadas de Rayo (2013). Rayo introduz primeiro *Metafísicalismo*, a combinação de duas afirmações:

1. A realidade tem uma estrutura metafísica—existe uma única “maneira privilegiada de esculpir a realidade em suas partes constituintes”. (p.6),
2. “Para que uma sentença atômica seja verdadeira, é necessário que haja um certo tipo de correspondência entre a forma lógica de uma sentença ... e a estrutura metafísica da realidade”. (p.6).

*Metafísicalismo moderado* é (a grosso modo) a combinação de (a) e:

3. Fundamentalmente falando, ou quando estamos explicitamente tentando capturar a metafísica correta da realidade, (b) se sustenta; mas não se sustenta de forma geral—podemos dizer todo tipo de coisas verdadeiras sobre a realidade que não perfeitamente captura a estrutura metafísica da realidade. (Adaptado de Rayo (2013, p.9)).

Com essas visões à mesa, argumentarei que qualquer um que pensa que a realidade tem uma estrutura privilegiada está comprometido com o RLM. O argumento é o seguinte:

**P1:** Qualquer um que pensa que a realidade tem uma estrutura privilegiada deve ser ou um metafísicalista ou um metafísicalista moderado.

**P2:** Metafísicalistas e metafísicalistas moderados estão comprometidos com o RLM (tipicamente ideológico, ao invés de ontológico).

**Conclusão:** Qualquer um que pensa que a realidade tem uma estrutura privilegiada está comprometido com o RLM.

Muitos filósofos parecem já abraçar essa conclusão. Por exemplo, Priest (2006, 302) diz que “o dialeteísmo metafísico é simplesmente a consequência do dialeteísmo semântico junto da forma apropriada de realismo metafísico”. Dialeteísmo semântico é a visão na qual dialeteísmo vive no nível da semântica, e que qualquer contradição verdadeira pode ser re-escrita em outra linguagem possível de forma consistente; dialeteísmo metafísico, traduzido para meu esquema, é algo como a visão na qual existem “fazedores-de-contradição” no mundo, e que a única (ou talvez a melhor) maneira de capturá-los linguisticamente é via contradições verdadeiras. “A forma

apropriada de realismo metafísico” é, para Priest, algo como a afirmação de que a realidade tem uma estrutura privilegiada. (Ele não coloca as coisas dessa forma, mas o que importa é que há algo sobre a realidade objetiva que nos constringe de engajar nesse tipo de re-descrição de contradições verdadeiras. E isso se encaixa exatamente no modo como estou pensando na realidade com tendo uma estrutura privilegiada.)

Wyatt (2004) argumenta que o pluralismo lógico (sob a forma que diz que a questão sobre qual lógica é verdadeira depende da noção de validade com a qual estivermos trabalhando) é incompatível com monismo sobre modalidade metafísica. Pode-se ver o argumento acima como uma generalização do argumento dela (isto é, que o pluralismo lógico é incompatível com *vários* compromissos metafísicos). Sider (2009) argumenta em favor de um metafisicalismo moderado (embora ele não use esses termos), e também argumenta que expressões lógicas irão aparecer na descrição mais fundamental da realidade. Sider argumenta apenas que expressões lógicas *particulares*, eg., o quantificador existencial, irão aparecer na maioria das teorias fundamentais (2011, cap. 10), e não que o metafisicalismo moderado implica um compromisso com o RLM. Essa afirmação, no entanto, acredito estar implícita em seu (2011). Algo como meu argumento parece estar no pano de fundo dos trabalhos iniciais de Putman sobre lógica quântica, que parecem supor que a ciência—por dizer algo sobre a estrutura da realidade— nos diz algo sobre a lógica correta (1975). Essa é apenas uma versão que pode ser extraída do meu argumento (junto da afirmação adicional de que aprendemos algo sobre a estrutura da realidade a partir da física). E como veremos, Dasgupta (2009) faz uma suposição semelhante.

Já que o metafisicalismo moderado é mais fraco do que o metafisicalismo, argumentarei apenas em favor das afirmações sobre o metafísico moderado no que se segue.

Uma maneira de interpretar (3) é que, no jargão profissional da ontologia (“ontologuês”), o seguinte se sustenta:

Para que sentenças atômicas sejam verdadeiras, é necessário que haja um certo tipo de correspondência entre a forma lógica de uma sentença ... e a estrutura metafísica da realidade.

A ideia aqui é que sentenças verdadeiras são mais difíceis de serem encontradas em ontologuês do que em inglês. Por exemplo, uma maneira de formular o nilismo mereológico (a posição na qual não há objetos físicos compostos) é essa: “mesas existem” é verdadeiro em inglês. Mas “mesas existem” não é verdadeiro em ontologuês, porque fundamentalmente, mesas não existem. Para que algo seja verdadeiro em ontologuês deve haver uma correspondência direta entre a forma lógica da sentença e a estrutura metafísica da realidade. Mas como não existem mesas (que são objetos singulares) na realidade, não pode ser verdadeiro (em ontologuês) que mesas existem.

Dada essa interpretação de (3), P1 segue simplesmente de (1) e (3) junto da afirmação de que há contextos nos quais devemos falar ontologuês ao invés de inglês. Se eu penso que a realidade tem uma estrutura particularmente privilegiada, então presumivelmente há alguns contextos nos quais eu queira comunicar como isso é para os outros. Eu deveria querer comunicar fatos sobre diversas regiões da realidade de um modo que capture da melhor forma possível o que eu realmente acho sobre essas regiões da realidade. Por exemplo, se eu sou uma generalista estrita (a grosso modo: eu acho que não há realmente indivíduos, nem mesmo indivíduos não-fundamentais, mas sim que há apenas um grande fato), eu pensaria que não há coisas como mesas ou xícaras de café. Eu poderia manter isso no meu dia-a-dia, não há problema em dizer em inglês que uma xícara de café está na mesa. Mas, às vezes, eu preciso dizer que eu realmente não acredito que mesas ou xícaras de café existem.

Você pode objetar alegando que a realidade tem uma estrutura particular privilegiada, mas que é simplesmente sem importância como a realidade *realmente* é, porque (e.g.) há questões práticas às quais devemos atentar. Mas note que meramente ter sucesso em *formar a crença* de que dentro da estrutura privilegiada da realidade não há mesas ou xícaras de café requer que possamos pensar em um contexto no qual possamos distinguir essa visão da visão na qual mesas e xícaras de café existem. Então mesmo que pensemos que nossas posições não importam, para podermos sustentá-las em primeiro lugar precisamos de um contexto no qual possamos distinguir elas de outras.

Suponha novamente que eu sou uma generalista, e que você é um individualista (você pensa que há indivíduos fundamentais). Nós temos que achar uma maneira de declarar o que pensamos sobre pedaços comparáveis da

realidade que mostrem as *diferenças* entre nossos compromissos. Você precisa ser capaz de dizer que há uma mesa marrom; eu preciso ser capaz de declarar minha afirmação sobre pedaços da realidade, (algo como “marrom-dade e mesi-dade<sup>13</sup> (aqui)”). Nós não concordamos sobre como a realidade é na região sobre mesas da realidade à nossa frente; e nós precisamos de um jeito de declarar nosso ponto de vista de tal modo que (a) é claro o que cada um de nós pensa estar acontecendo na região sobre mesas da realidade e (b) está claro que nós discordamos. Você pode dizer ‘ $(\exists x)(Bx \& Tx)$ ’. Como Dasgupta (2009, p.50) aponta, eu posso dizer algo superficialmente semelhante, usando o que parece ser lógica de predicados com identidade mas sem constantes individuais: ‘ $(\exists x)(Bx \& Tx)$ ’. Mas se eu fizesse isso, nós significariamos coisas diferentes pelos nossos quantificadores existenciais e variáveis ligadas. Isso não é ideal: transforma nosso desacordo sobre a questão metafísica sobre como a realidade é realmente em uma sobre o que nossos termos lógicos *significam*; e, na melhor das hipóteses, resulta em nós termos que fazer algo como adicionar subscritos às nossas expressões para distingui-las uma das outras.

Nossas duas sentenças assumem *compromissos lógicos* totalmente diferentes, mesmo tendo uma forma lógica superficialmente similar. Podemos ambos ser capazes de usar algo parecido com isto: ‘ $(\exists x)(Bx \& Tx)$ ’ para expressar nossas opiniões, mas isso não ocorre pelo fato de haver uma maneira logicamente neutra de comunicar nossas opiniões. Isso ocorre porque os compromissos lógicos de nossas respectivas sentenças correspondem às respectivas estruturas metafísicas que postulamos. Para ver isso, note o seguinte: se eu decido usar ‘&’ para expressar a conjunção, e você usa para expressar nem/nem<sup>14</sup>, então quando eu escrevo ‘A&B’ e você escreve ‘A&B’, essas são sentenças distintas que tem compromissos lógicos distintos.

O mesmo é verdade em relação ao que os generalistas e os individualistas simbolizam com ‘ $\exists$ ’ e ‘x’. O quantificador dos generalistas tem (a) uma semântica distinta, (b) um papel inferencial diferente, e (c) *caso* se refira a algo, seu referente será distinto. (a)-(c) exaurem a descrição padrão das constantes lógicas. Então as sentenças contêm constantes lógicas distintas. Portanto, se a forma lógica é individuada através de quais constantes lógicas de fato aparecem em uma sentença, essas sentenças terão formas lógicas

<sup>13</sup> NT No original, *brownness and tableness*.

<sup>14</sup> N.T. No original, *neither/nor*.

diferentes. (Se esse não for o caso, pouco importa: podemos definir uma noção de forma lógica\*, e substituir “forma lógica” por “forma lógica\*”).

A melhor razão para um generalista usar uma lógica alternativa (uma que não contém nem quantificadores nem o que normalmente entenderíamos como constantes individuais) é que a sentença ‘ $(\exists x)(Bx \& Tx)$ ’, mesmo re-interpretada de modo a não quantificar sobre indivíduos, *obscurece* os compromissos metafísicos do generalismo; seria melhor comunicar-se usando uma sentença cuja gramática corresponde à estrutura da realidade, para que pudessemos facilmente ver os comprometimentos da sentença (e assim, a lógica alternativa do generalista, que não é nem mesmo superficialmente comprometida com indivíduos). Mas qualquer um dos dois modos demonstra que o generalista tem compromissos diferentes do individualista; o que importa é que o generalista e o individualista estão usando *conceitos* lógicos diferentes para estabelecer suas opiniões, e que cada um entende que eles estão usando conceitos lógicos distintos.

Mais simplesmente: se alguém acha que o mundo tem uma estrutura metafísica privilegiada, então ele precisa de uma maneira de expressar essa estrutura de modo que ela seja distinta de outras estruturas possíveis que o mundo poderia ter tido. Se admitirmos que todas as descrições são *verdadeiras*, independentemente de qual delas pensamos ser privilegiada, então precisamos de alguma outra maneira de expressar as diferenças entre aquilo com que estamos nos comprometendo, metafisicamente falando. Supondo que esteja claro que temos *compromissos* lógicos diferentes—que exigimos diferentes conceitos lógicos para afirmar nossos pontos de vistas de uma maneira que os diferenciem uns dos outros—isso é suficiente para recuperar aqui o que é importante sobre o metafísicalismo moderado.

Uma vez que esteja claro quais são os compromissos do realismo lógico-ideológico, é difícil resistir a P2. O realismo ideológico diz que a ULV é verdadeira em virtude de ser parte da linguagem que melhor captura a estrutura da realidade. Metafísicalistas moderados pensam que há uma linguagem que melhor captura a estrutura da realidade. A única questão genuína é se essa linguagem tem uma lógica. Existe espaço para resistir à afirmação de que qualquer teoria metafisicamente privilegiada requer uma linguagem com uma

lógica. Mas fazer isso severamente limita nossas opções sobre como a realidade é fundamentalmente.

Suponha que você pense que o mundo consiste apenas de fatos atômicos desestruturados, como defendido por Turner (2016). De um lado, você ainda precisa de uma ideologia—uma teoria—que irá explicar como esses fatos atômicos se relacionam uns com os outros. De outro lado, você poderia alegar que sua teoria sobre como esses fatos se relacionam uns com os outros não é em si uma teoria sobre a realidade fundamental, e sim uma meta-teoria *sobre* a teoria fundamental da realidade. Independentemente de se você considera tal jogada plausível, esse caso é excepcional: quase toda visão sobre o que existe, fundamentalmente, e como tudo se relaciona, requer uma lógica.

Se a realidade é estruturada, sua descrição privilegiada tem algum tipo de estrutura lógica (e.g. uma estrutura de objeto-predicado, se alguém pensa que fundamentalmente, existem objetos instanciando propriedades). Aqui argumentei apenas que compromissos com uma estrutura metafísica implicam em compromissos mínimos com uma estrutura lógica. Esses compromissos mínimos são, estritamente falando, consistentes com diferentes lógicas sendo a ULV (por exemplo, usualmente, até mesmo a lógica clássica e as lógicas dialeteístas ambas se comprometem com a mesma estrutura de objetos-predicados).<sup>15</sup> No entanto, na medida em que começarmos a invocar constantes lógicas em nossas descrições privilegiadas da realidade, e é difícil ver como isso poderia ser evitado, nós estaremos comprometidos com um realismo ideológico sobre essas constantes. Por que pensar que precisamos de alguma constante lógica em nossa descrição privilegiada da realidade? Não mostrei aqui que precisamos; mas parece obviamente difícil, e talvez até impossível, apresentar a melhor descrição da realidade sem *algumas* constantes lógicas.<sup>16</sup>

Uma preocupação diferente é se o realismo ideológico deveria contar mesmo como um RLM. Essa posição é diferente do realismo ontológico de uma maneira importante; mas está comprometida com importantes afirmações metafísicas sobre a relação entre a lógica e o mundo: mesmo que não haja correlatos ontológicos para as constantes lógicas que são, estritamente falando,

---

<sup>15</sup> Existe aqui um problema em conectar a discussão sobre constantes lógicas com a talvez mais tradicional maneira de pensar sobre as diferenças entre lógicas como diferentes relações de consequência.

<sup>16</sup> E veja Sider (2011) para um argumento ao longo dessa linha.

parte do mundo, o mundo ainda é o portador-de-verdade para a ULV, e o mundo ainda faz com que a ULV seja *metafisicamente melhor* do que qualquer outra lógica.

Esse argumento foi rápido, e há vários pontos em que pode ser resistido, mas acho que ele mostra que qualquer um que pense que a realidade tem uma estrutura metafísica privilegiada está comprometido com o RLM. (Se alguém acha que há *itens* lógicos—e.g. leis, funções, objetos abstratos—na realidade fundamental, então essa pessoa já está comprometida com o realismo ontológico—não discutirei essa questão aqui).

E sobre a afirmação de que a realidade tem diversas estruturas privilegiadas? Enquanto houver algumas estruturas que não são privilegiadas, o espírito do RLM persiste, mas pode ser que (a) tenha que ser substituído por algo como:

(a\*): Existem Algumas Lógicas Verdadeiras.

Isso significa que há diversas lógicas que melhor capturam a estrutura da realidade; a estrutura da realidade torna Algumas Lógicas Verdadeiras verdadeiras; mas nem tudo serve. Existem pelo menos duas outras maneiras de entender isso: primeiro, talvez, *exista* ULV: talvez a maneira correta de entender a realidade com diversas estruturas é que precisamos construir uma “super lógica” que permita que todas as estruturas distintas existam. Suponha que a realidade tem tanto uma estrutura generalista quanto uma estrutura individualista. Talvez a ULV seja uma lógica que considere onticamente vaga a questão de se *a mesa é marrom* ou se *mesa-dade, marrom-dade (aqui)* é a descrição correta da realidade; ; nesse caso, pode ser que ainda haja uma única ULV: ela seria apenas uma lógica que permite a vagueza entre duas descrições diferentes da realidade. (Veja Barnes (2010) e Barnes e Williams (2011) para uma discussão a respeito disso). Mesmo aqueles que pensam que a realidade tem diversas estruturas privilegiadas podem ser considerados como (talvez modificados) realistas lógico-metafísicos.

## AGRADECIMENTOS

Obrigada a Mark Balaguer, Liam Kofi Bright, Simon Evnine, Zach Gabor, Chris Menzel, Elizabeth Miller, Elanor Taylor, Erica Shumener, W. Sean Mosman Sinclair, e para um revisor anônimo por comentários úteis.



### Referências bibliográficas

- Armstrong, D. M. *A world of states of affairs*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511583308>
- Barnes, E. Ontic Vagueness: A Guide for the Perplexed. *Noûs*, v. 44, n. 4, p. 601–627, 2010. <https://doi.org/10.1111/j.1468-0068.2010.00762.x>
- Barnes, E., & Williams, J. R. G. A Theory of Metaphysical Indeterminacy. In K. Bennett, & D. Zimmerman (Eds.), *Oxford Studies in Metaphysics 6* (p. 103–148). Oxford: Oxford University Press, 2011. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199603039.003.0003>
- Beall, J. C., & Restall, G. *Logical Pluralism*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- Burge, T. Frege on Knowing the Third Realm. *Mind*, v. 101, n. 404, p. 633–650, 1992. <https://doi.org/10.1093/mind/101.404.633>
- Carnap, R. Empiricism, Semantics, and Ontology. *Revue Internationale de Philosophie*, v. 4, p. 20–40, 1950.
- Cook, R. Let a Thousand Flowers Bloom: A Tour of Logical Pluralism. *Philosophy Compass*, v. 4, n. 6, p. 492–504, 2010. <https://doi.org/10.1111/j.1747-9991.2010.00286.x>
- Cover, J., & O'Leary-Hawthorne, J. A World of Universals. *Philosophical Studies*, v. 91, p. 205–219, 1998. <https://doi.org/10.1023/A:1004276510940>
- Evnine, S. (ms). *Frege on the Relations between Logic and Thought*.
- Frege, G. *Thought*. Re-impresso em (1997). In M. Beaney (Ed.), *The Frege Reader* (p. 325–345). Oxford: Blackwell, 1918.
- Hirsch. *Quantifier variance and realism: Essays in Metaontology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- Hirsch, E. Ontology and Alternative Languages. In D. Chalmers, D. Manley, & R. Wasserman (Eds.), *Metametaphysics: New essays on the foundations of ontology* (p. 383–423). Oxford: Oxford University Press, 2009.
- Hjortland, O. T. Anti-Exceptionalism About Logic. *Philosophical Studies*, v. 174, p. 631–658, 2017. <https://doi.org/10.1007/S11098-016-0701-8>
- Husserl, E. In D. Moran (Ed.), J.N. Findlay (Tr.) *Logical Investigations* (ed., Vol. 1. Re-impresso em (2000)). London: Routledge, 1900. <https://doi.org/10.4324/9780203420034>
- Jenkins, C. Naturalism and Norms of Inference. In O. Flanagan, & A. Fairweather (Eds.), *Naturalizing Epistemic Virtue* (p. 53–69). Cambridge: Cambridge University Press, 2014. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139236348.004>

Lapointe, S. Bolzano's Logical Realism. In P. Rush (Ed.), *The metaphysics of logic* (p. 189–208). Cambridge: Cambridge University Press, 2014. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139626279.014>

Leech, J. Logic and the Laws of Thought. *Philosophers' Imprint*, v. 15, 2015.

Maddy, P. The Philosophy of Logic. *The Bulletin of Symbolic Logic*, v. 18, n. 4, p. 481–504, 2015, 2002. <https://doi.org/10.2178/bsl.1804010>

Maddy, P. *The second philosophy: A naturalistic method*. Oxford: Oxford University Press, 2007. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199273669.001.0001>

Maddy, P. A Second Philosophy of Logic. In P. Rush (Ed.), *The metaphysics of logic* (p. 93–108). Cambridge: Cambridge University Press, 2014. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139626279.007>

McSweeney, M. M. Following Logical Realism Where it Leads. *Philosophical Studies*, 2017. <https://doi.org/10.1007/s11098-017-1008-0>

Mulligan, K. and Correia, F. Facts. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2017 Edition), E. N. Zalta (ed.), 2017. <https://plato.stanford.edu/archives/win2017/entries/facts/>

Paul, L. A. Logical Parts. *Noûs*, v. 36, p. 578–596, 2002. <https://doi.org/10.1111/1468-0068.00402>

Priest, G. *Doubt truth to be a liar*. Oxford: Clarendon Press, 2006.

Priest, G. Revising Logic. In P. Rush (Ed.), *The metaphysics of logic* (p. 211–223). Cambridge: Cambridge University Press, 2014. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139626279.016>

Putnam, H. The Logic of Quantum Mechanics. In H. Putnam (Ed.), *Philosophical Papers*, vol. 1, Mathematics, Matter, and Method (p. 130–158). Cambridge: Cambridge University Press, 1975.

Rayo, A. *The construction of logical space*. Oxford: Oxford University Press, 2013. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199662623.001.0001>

Read, S. Monism: The One True Logic. In D. de Vidi, & T. Kenyon (Eds.), *A Logical Approach to Philosophy: Essays in Memory of Graham Solomon*. Switzerland: Springer, 2006. [https://doi.org/10.1007/1-4020-4054-7\\_10](https://doi.org/10.1007/1-4020-4054-7_10)

Resnik, M. Against Logical Realism. *History and Philosophy of Logic*, v. 20, p. 181–194, 1999. <https://doi.org/10.1080/01445349950044134>

Rush, P. Logical Realism. In P. Rush (Ed.), *The metaphysics of logic* (p. 13–31). Cambridge: Cambridge University Press, 2014. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139626279.003>

Russell, G. K. Metaphysical Analyticity and the Epistemology of Logic. *Philosophical Studies*, v. 171, p. 161–175, 2014. <https://doi.org/10.1007/s11098-013-0255-y>

Schaffer, J. Monism: The Priority of the Whole. *Philosophical Review*, v. 119, n. 1, p. 31–76, 2010. <https://doi.org/10.1215/00318108-2009-025>

Sider, T. Ontological Realism. In D. Chalmers, D. Manley, & R. Wasserman (Eds.), *Metametaphysics: New essays on the foundations of ontology* (p. 383–423). Oxford: Oxford University Press, 2009.

Sider, T. *Writing the book of the world*. Oxford: Oxford University Press, 2011. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199697908.001.0001>

Tahko, T. The Law of Non-Contradiction as a Metaphysical Principle. *Australasian Journal of Logic*, v. 7, p. 32–47, 2009. <https://doi.org/10.26686/ajl.v7i0.1806>

Tahko, T. The Metaphysical Interpretation of Logical Truth. In P. Rush (Ed.), *The metaphysics of logic* (p. 233–248). Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

Thomasson, A. *Ontology made easy*. New York: Oxford University Press, 2015.

Turner, J. *The facts in logical space*. Oxford: Oxford University Press, 2016. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199682812.001.0001>

Williamson, T. *Modal logic as metaphysics*. Oxford: Oxford University Press, 2013. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199552078.001.0001>

Williamson, T. Semantic Paradoxes and Abductive Methodology. In B. Armour-Garb (Ed.), *Reflections on the liar* (p. 325–346). Oxford: Oxford University Press, 2017. <http://doi.org/10.1093/oso/9780199896042.003.0013>

Wyatt, N. What are Beall and Restall Pluralists About? *Australasian Journal of Philosophy*, v. 82, p. 409–420, 2004. <https://doi.org/10.1080/713659876>